

ASPECTOS FILOSÓFICOS DO CONTO “CONVERSA DE BOIS” EM *SAGARANA* DE GUIMARÃES ROSA

Luciano L. MENEGALDO*
Ítalo MARSILI**

- **RESUMO:** Este trabalho explora aspectos de natureza filosófica do conto “Conversa de Bois”, do livro *Sagarana*, de Guimarães Rosa. Foram identificadas duas questões filosóficas que perpassam o conto. Uma delas está relacionada à filosofia prática, que é o problema ético do carreiro Agenor Soronho. A outra diz respeito à teoria do conhecimento, passando pela ontologia, na estória do boi Rodapião. O infeliz destino dos dois personagens, bem como algumas passagens da correspondência rosiana, apontam a uma crítica ao racionalismo cartesiano e ao utilitarismo ético. Ao mesmo tempo, o conto transpõe diversas questões recorrentes da filosofia e da literatura clássicas para o ambiente sertanejo.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Guimarães Rosa. Conversa de Bois. Filosofia. Racionalismo. Ética.

Introdução

O conto “Conversa de Bois”, oitavo do livro *Sagarana* (ROSA, 1980a), é um dos primeiros exemplos, na obra rosiana, de uma narrativa que segue uma sequência predominantemente psicológica, entrecortada por diversas histórias paralelas. Trata, além disso, em profundidade de temas existenciais e filosóficos, formulados usualmente no universo da cultura erudita, num cenário e com linguagem oral sertaneja.

Este trabalho pretende formular algumas hipóteses sobre o conteúdo filosófico cifrado no conto¹. De certo modo, percebem-se diversos elementos e

* UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Engenharia Biomédica – COPPE. Rio de Janeiro, RJ – Brasil - 21941-914. lmeneg@ufrj.br. Bolsista de Produtividade do CNPq.

** UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Psiquiatria. Rio de Janeiro, RJ – Brasil - 22290-140. marsili.italo@gmail.com

¹ Este trabalho não pretende realizar uma análise propriamente literária do conto em questão mas, sobretudo, discutir algumas possíveis questões filosóficas implícitas no enredo. A própria natureza da obra rosiana permite a descoberta de diversas “camadas” de significado, como um palimpsesto (SPERBER, 2008). Por outro lado, a

Artigo recebido em 31/07/2015 e aprovado em 31/10/2015

teses rosianas que serão plenamente desenvolvidas no *Grande Sertão*, ainda que também recorrentes em quase toda obra do autor. Como já havia sido demonstrado nos estudos pioneiros de Suzi Frankl Sperber (1976) e Heloísa Vilhena de Araújo (1996), Guimarães Rosa possuía uma sólida e, ao mesmo tempo, eclética formação filosófica, teológica e literária calcadas, sobretudo, em autores clássicos, que se manifesta de maneira evidente nas suas obras. Guimarães Rosa escrevia sobre aquilo que havia lido e assimilado dos autores clássicos, situando sua narrativa num cenário sertanejo. Ele mesmo oferecia, na correspondência aos tradutores italiano Edoardo Bizzarri (ROSA, 1980b) e alemão Curt Meyer-Clason (ROSA, 2003), “chaves hermenêuticas” para interpretar a o sentido mais profundo dos seus escritos:

Ora, você já notou, decerto, que, como eu, os meus livros, em essência, são “antiintelectuais”- defendem o altíssimo primado da intuição, da revelação, da inspiração, sobre o bruxulear presunçoso da inteligência reflexiva, da razão, da megera cartesiana. Quero ficar com o Tao, com os Vedas e Upanixades, com os Evangelistas e São Paulo, com Platão, com Plotino, com Bergson, com Berdiaeff – com Cristo, principalmente. Por isso mesmo, como apreço de essência e acentuação, assim gostaria de considerá-los a) cenário e realidade sertaneja: 1 ponto; b) enredo: 2 pontos; c) poesia: 3 pontos; d) valor metafísico-religioso: 4 pontos. Naturalmente, isso é subjetivo, traduz só a apreciação do autor, e do que o autor gostaria, hoje, que o livro fosse. (Carta 25/11/1963. ROSA, 1980b, p.58, grifo do autor).

Em geral, toda frase minha tem de ser meditada. Quase todas, mesmo as aparentemente curtas, simplórias, comezinhas, traz em si algo de meditação e de aventura. Às vezes, juntas, as duas coisas: aventura e meditação [...]. (Carta 09/02/1965. ROSA, 2003, p.238).

Sempre que estiver em dúvida, jogue o sentido da frase para cima, o mais alto possível. Quase em cada frase, o sovrassenso é avante – solução poética ou metafísica. O terra-a-terra só serve como pretexto (Carta 27/03/1965. ROSA, 2003, p. 259).

Sem ser um autor nominalmente existencialista, uma de suas grandes preocupações intelectuais era o homem e sua realidade fática, diante das questões metafísicas que o perseguem: o bem, o mal (e o mau), a possibilidade do conhecimento, a contemplação da beleza, o amor, a vida, a morte etc. Diz o jagunço Riobaldo em *Grande Sertão*:

Eu queria decifrar as coisas que são importantes. [...]. Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar

análise filosófica proposta diz respeito apenas ao conto em questão, e não às inúmeras relações da obra rosiana com a filosofia, que tem sido objeto de diversos estudos acadêmicos.

corpo ao suceder. O que induz a gente para más ações estranhas, é que a gente está pertinho do que é nosso, por direito, e não sabe, não sabe, não sabe! [...] Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas - e só essas veredas, veredazinhas. (ROSA, 1970, p.79).

São os mesmos temas que permeiam boa parte de suas fontes, como Dante, Platão, Boaventura, Ruysbroeck, o evangelista João, Sertillanges, Goethe, Homero, Ovídio e diversos outros (SPERB, 1976; ARAÚJO, 1996). De importância secundária é o homem geográfica e cronologicamente identificado com o sertanejo, ainda que quase omnipresente na obra rosiana.

Na leitura que ora apresentamos de “Conversa de Bois” tentaremos explorar dois possíveis dilemas filosóficos que permeiam a narrativa: o problema de natureza ética que circunda a figura do carreiro Agenor Soronho e o problema gnosiológico do boi Rodapião.

Enredo e estrutura narrativa

A estória trata de uma viagem² na qual Agenor Soronho, guiando um carro de bois, transportava junto a um carregamento de rapaduras do defunto pai do menino Tiãozinho, para ser enterrado no cemitério do arraial³. A “bárbara viatura” (ROSA, 1980a, p.289) era “arrastada aos solavancos” por oito bois, emparelhados dois a dois: os “bois da guia” Buscapé e Namorado, seguidos pelas duplas Capitão e Brabagato, Dansador e Brilhante e, “ladeando o cabeçalho”, “os sisudos sócios da junta do coice” (ROSA, 1980a, p.288), Realejo e Canindé. A triste viagem se desenvolve simultaneamente a um longo diálogo entre os bois, ao passo que Tiãozinho rememora os fatos que precederam a morte do pai, bem como o relacionamento adúlterino entre a sua mãe e o próprio carreiro Soronho. A comitiva vai entrecruzando-se com outros personagens secundários até que, algum tempo após o encontro derradeiro com João Bala, colega de profissão acidentado, Soronho perde a vida, não sem a participação dos próprios bois e de Tiãozinho.

O conto inicia-se a partir de um preâmbulo relativamente extenso, onde são apresentados pormenorizadamente os narradores ou testemunhas da “fábula”. Manuel Timborna, das Porteirinhas, um poeta “[...] que, em vez de caçar serviço para fazer,

² Tema recorrente da obra rosiana e da literatura clássica, como a *Odisseia*, a *Divina Comédia*, a *Eneida* etc. Na obra de 1937 da qual surgiu posteriormente *Sagarana*, *Sezão*, Guimarães Rosa apresentou-se para concorrer ao Prêmio Humberto de Campos com o pseudônimo “Viator” (LIMA, 1998).

³ Tal invulgar combinação de “mercadorias” poderia sugerir que a “viagem da vida” é, a um tempo, doce e amarga, acompanhada sempre da acre perspectiva da morte.

vive falando invenções só lá dele mesmo”, e que pede “licença de recontar diferente, enfeitado e acrescentando ponto e pouco” (ROSA, 1980a, p.287). Seu interlocutor e redator da estória é um homem culto, que conhece os clássicos e em relação a eles situa a narrativa. Citando Virgílio “*Visa, sub obscurum noctis pecudesque locutae. Infandum!...*”⁴ Manuel Timborna, por sua vez, ouviu a estória da irara Risoleta, testemunha direta dos fatos. O caráter feminino do “bichinho”, reiteradamente aludido, permitiria supor que este faz às vezes da musa que inspira o poeta: “Por aí se vê que a irara era genial, às vezes; mas, no fundo, não passava de uma mulherzinha teimosa, sempre a suplicar: - me deixem espiar um pouquinho” (ROSA, 1980a, p.289). Risoleta, num acesso de imprudente curiosidade, viu-se capturada por Timborna, que lhe restituiu a liberdade “a troco de minuciosa narração” dos fatos (ROSA, 1980a, p.290). Sem dúvida, narrativa é recontada por dois narradores dos quais não se poderia esperar uma grande exatidão: Timborna e a irara. Isso tende a criar um efeito de distanciamento e de humor que, na hermenêutica rosiana, não diminuiria a centralidade do conteúdo metafísico.

Depois de Risoleta, outro importante narrador é Brilhante. Trata-se de um boi curtido pela vida dura, “[...] perpetuamente à volta com bernes, bichos, carrapichos [...] só no avesso da vida”, de luto pela morte do seu irmão Tubarão, “ervado de timbó” (ROSA, 1980a, p.291). Percebe-se, já na apresentação deste personagem, o caráter profundamente realista da sua personalidade: “coçou calor, e aí teve certeza da sua própria existência”⁵, numa auto-consciência imediata do próprio ser. De certo modo, situa-se no pólo filosófico oposto ao boi Rodapião, como veremos adiante. Brilhante é um asceta, um trabalhador, o que lhe confere uma certa autoridade moral sobre os outros bois. Representa a precedência dos bois de carro em detrimento dos de pasto: “Nós somos bois... Bois-de-carro... Os outros, os que vêm em manadas, para ficarem um tempo-das-águas pastando na invernoada, sem trabalhar, só vivendo e pastando, [...] esses todos não são como nós” (ROSA, 1980a, p.292). Brilhante assemelha-se ao Sócrates relatado por Platão, que articula o diálogo com outros bois da “academia dos bois de carro”, talvez menos “brilhantes”, mas que compartilham do mesmo sistema de ideias. Na opinião desses, os outros, os bois que vivem no pasto, desconhecem a sua própria natureza bovina, são alienados: “Eles não sabem que são bois”. Os bois de carro, por viverem próximos ao homem, assumem e participam da natureza humana, de maneira especial da sua racionalidade: “Os bois soltos não pensam como o homem. Só nós, bois-de-carro, sabemos pensar como o homem!” (ROSA, 1980a, p.294). Deste modo, a conversa de bois torna-se um verdadeiro diálogo filosófico (BRAGANÇA JUNIOR, 1997). Esta tomada de consciência não é isenta

⁴ “e foram vistas, no escuro da noite, ovelhas que falavam. Abominável!”. Virgílio, *Geórgicas*.

⁵ Como não associar, antiteticamente, ao mote cartesiano “*cogito, ergo sum*”?

de problemas e riscos: “É ruim ser boi-de-carro. É ruim viver perto dos homens... As coisas ruins são do homem: tristeza, fome, calor – tudo, pensado, é pior...” (ROSA, 1980a, p.294). “Perto do homem só tem confusão” (ROSA, 1980a, p.295). Além disso, os bois admitem e lamentam a perda do sentido clássico do discurso, atropelado pela azáfama da modernidade: “Não encontro mais aquilo que sabia... Coisa velha... Também, tem tanta coisa para a gente pensar!” (ROSA, 1980a, p.295)⁶.

Da mesma maneira que Brillhante articula o diálogo entre os bois, Tiãozinho está no centro da relação entre os personagens do outro grupo, dos humanos. Sua mãe, “nova e bonita, mas antes não fosse” (ROSA, 1980a, p.299), era amante de Agenor Soronho que, por sua vez, sustentava toda a família. Esta incluía ainda o pai de Tiãozinho, “cego entrevado, já de anos, no jirau”. Tiãozinho possuía uma relação de pena e vergonha para com o pai, e de ódio e desprezo, algo hamletiano, em relação à mãe e ao seu amante. Assim como o boi Brillhante, Tiãozinho situa-se no centro da estrutura narrativa, ainda que não propriamente no cerne dos dilemas filosóficos protagonizados por Soronho e Rodapião.

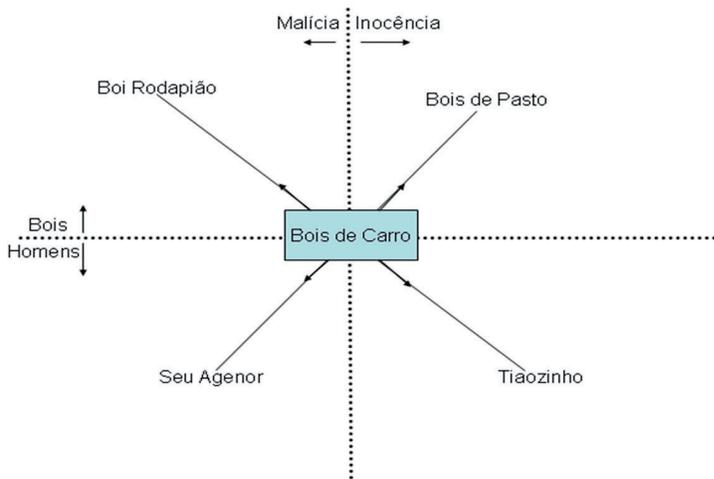
Por outro lado, Tiãozinho possui uma relação muito peculiar com os próprios bois, que o chamam germanicamente com o *kompositum* “bezerro-de-homem-que-caminha-sempre-na-frente-dos-bois”. Como aponta Edna Menezes (2005), Tiãozinho faz às vezes do Minotauro⁷, também ele filho de uma adúltera. A “conexão” de pensamento entre Tiãozinho e os bois vai estabelecendo-se de maneira cada vez mais intensa, até o clímax em que, semi-dormido, ordena aos bois que derrubem o padraço do carro, já no final do conto: “Namorado, vamos!!!... – Tiãozinho deu um grito e um salto para o lado [...]. Agenor Soronho tinha o sono sereno, e a roda esquerda lhe colhera mesmo o pescoço” (ROSA, 1980a, p.322), levando-o à morte.

Assim como o caso se inicia na “encruzilhada da Ibiúva, logo após a cava do Mata-Quatro” (ROSA, 1980a, p.287), seria possível sintetizar o papel de cada personagem, ou grupo de personagens, justamente numa encruzilhada, no centro da qual estão os bois de carro, como ilustra a o diagrama abaixo.

⁶ Pensaria, Guimarães Rosa, que no futuro (*Sagarana* foi publicado em 1946, quando os carros de boi ainda eram amplamente utilizados no interior brasileiro), a maneira *clássic* de transporte por carros de boi seria abandonada?

⁷ “semibovemque virum semivirumque bovem”, homem metade touro, touro metade homem (OVÍDIO, 1983 apud MENEZES, 2005).

Figura 1 – Síntese dos papéis desenvolvidos pelos personagens no conto



Fonte: Elaboração própria

O eixo horizontal representa a divisão ontológica entre os personagens, bois ou homens. No eixo vertical, cada um dos semi-planos corresponde a uma disposição de tipo moral, isto é, uma divisão entre a inocência e a malícia. Evidentemente, tais fronteiras não são nítidas, dadas a identificação de Tiaozinho com a “natureza bovina”, como visto acima, bem como a duvidosa moralidade de seu ato final, quando atíça os bois para que derrubem Soronho do carro. Já no caso da oposição bois de pasto e Rodapião, tampouco a disjuntiva é inequívoca, já que a crítica ao racionalismo não é tão explícita, e só pode ser lida nas entrelinhas dos fatos narrados⁸.

A ética do carreiro Agenor Soronho

Agenor Soronho, “homenzão ruivo, de mãos sardentas, muito mal-encarado” (ROSA, 1980a, p.290), é uma representação do demônio: “[...] Agenor Soronho está mesmo com o demo” (ROSA, 1980a, p.307). “[...] ele (Tiaozinho) tinha ojeriza daquele capeta!” (ROSA, 1980a, p.299). Para os bois, é o homem-do-pau-comprido-com-o-marimbondo-na-ponta, não distante da representação popular do diabo. Sua

⁸ “Eu careço que o bom seja bom e o ruim ruim, que de um lado esteja o preto e do outro esteja o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza. Quero todos os pastos bem demarcados [...]. Como é que eu posso com esse mundo? A vida é ingrata no macio de si; mas transtraz a esperança mesmo no meio do fel do desespero. Ao que, esse mundo é muito misturado.” (ROSA, 1970 apud ARAÚJO, 1996, p.141).

figura, com o “ferrão temperado da vara de carrear” (ROSA, 1980a, p.290), assusta o próprio papa-mel Risoleta, “que estremeceu” à sua passagem.

Aparentemente, Agenor é capaz de guardar uma certa “gramática do luto”, menos sincera do que convencional. Atitude típica do pai da mentira⁹, do senhor *dicis-et-non-facis*¹⁰: “o carreiro tinha vindo consolar a sua tristeza, dizendo que daí em diante ia tomar conta dele de verdade, ia ser que nem seu pai [...]” (ROSA, 1980a, p.304). A própria mãe “[...] ficara na porta, chorando sempre, exclamando bobagens, escorada nas outras mulheres todas, ajudando a chorar [...] E o resto do povo tinha virado as costas, por que faz mal a gente ficar espiando um enterro até ele sumir” (ROSA, 1980a, p.304).

Apesar de tudo, Tiãozinho demonstra autocontrole e por isso é corajoso. Pode-se vislumbrar um possível paralelismo do menino com o herói bíblico Gedeão, no trecho em que “Então, ele abaixa as mãozinhas juntas, e bebe” (ROSA, 1980a, p.307)¹¹. Da mesma maneira que trezentos justos derrotaram Madiã, cuja “mão pesou rudemente contra Israel”¹², o menino e seus oito bois seriam capazes de derrotar o demo representado pelo carreiro, assim como os israelitas derrubaram por terra o altar de Baal¹³. Porém, o próprio Tiãozinho não estava isento no seu próprio espírito da influência demoníaca. Era dominado pelo ódio ao carreiro, queria matá-lo: “Tiãozinho cresce de ódio... Se pudesse matar o carreiro... Deixa eu crescer!... Deixa eu ficar grande!... Hei de dar conta deste danisco...” (ROSA, 1980a, p.308).

Ao mesmo tempo, Agenor era um homem hábil. Sabia carrear, era destro: “Agenor, em sua terra, era o melhor carreiro do mundo”. Chega a fazer malabarismos sobre o carro, mas seu virtuosismo é exibicionista, “[...] e então salta no chão, que nem um artista de circo-de-cavalinhos, mas zangando com Tiãozinho e caçoando dos bois” (ROSA, 1980a, p.311). Logo depois de Brilhante relatar o fim do boi Rodapião ladeira abaixo (ver adiante), a comitiva depara-se com outro carreiro, João Bala, cujo carro havia despencado no Morro-do-Sabão. Soronho faz uma rápida preleção sobre as virtudes do carreiro, como um verdadeiro especialista: “Mas não tem muita gente

⁹ “Vós tendes como pai o demônio e quereis fazer os desejos de vosso pai. Ele era homicida desde o princípio e não permaneceu na verdade, porque a verdade não está nele. Quando diz a mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira.” (BÍBLIA, João, 8, 44).

¹⁰ Principal nome que recebe o demônio no *Doutor Fausto*, de Thomas Mann.

¹¹ “4. O Senhor disse a Gedeão: Ainda há gente demais. Faze-os descer às águas, e ali farei uma escolha. Aquele que eu te disser que irá contigo, este te seguirá; e aquele que eu não te designar, ficará. 5. Gedeão fez, pois, descer o povo junto às águas e o Senhor disse-lhe: Porás à parte todos aqueles que lamberem a água com a língua, como faz o cão, e de outro lado aqueles que se puserem de joelhos para beber. 6. Ora, o número dos que lamberam a água, levando-a com a mão à boca, foi de trezentos homens; todo o resto do povo se pusera de joelhos para beber. 7. O Senhor disse a Gedeão: Com os trezentos homens que lamberam a água, vos salvarei, e entregarei Madiã nas tuas mãos. Todo o resto do povo volte para a sua casa.” (BÍBLIA, Juizes 7, 4-7).

¹² Bíblia, Juizes, 6,2.

¹³ Bíblia, Juizes, 6, 28.

capaz de *falar* o gado direito, nem *determinar* o coice na descida, nem *espreitar* a guia e *zelar* a contra-guia na subida, nem fazer um *colo* bem feito, nem *repartir o movimento* com lição [...]” (ROSA, 1980a, p.313, grifo do autor). É interessante o elogio feito por Dansador, “com baba”, às habilidades humanas: “[...] assim como os cachorros, as pedras, as árvores, somos pessoas soltas, com beiradas, começo e fim. O homem não: o homem pode se juntar com as coisas, se encostar nelas, crescer, mudar de forma e de jeito... O homem tem partes mágicas... São as mãos...” (ROSA, 1980a, p.310). A capacidade especificamente humana de interagir com a natureza é o que o torna um “sistema aberto”, sem “beiradas”¹⁴.

Entretanto, Agenor não possui a verdadeira virtude da prudência, no seu sentido aristotélico genuíno.

According to Aristotle then excellence of character and intelligence cannot be separated. [...] So for Kant one can be both good and stupid; but for Aristotle stupidity of a certain kind precludes goodness. Moreover genuine practical intelligence in turn requires knowledge of the good, indeed itself requires goodness of a kind in its possessor: . . . it is clear that a man cannot have practical intelligence unless he is good. (MACINTYRE, 2007, p.154)¹⁵.

Trata-se de uma habilidade real, mas torna-se um virtuosismo vazio, um mero *know-how*, uma prudência afastada da verdadeira sabedoria, no sentido aludido por Erasmo¹⁶, ou pelo profeta Isaías¹⁷, entre outros autores. Agenor, no fundo, busca apenas seu próprio bem e excelência pessoais, pratica uma ética “utilitarista”. Encarna de maneira acabada a figura do “técnico”, ideal de Francis Bacon no *New Atlantis*. Afirma a superioridade da vida ativa em detrimento da contemplativa, tornando-se insensível à verdade e, conseqüentemente, ao bem¹⁸, sem os “embaraços” éticos

¹⁴ É interessante a reflexão que faz um autor contemporâneo sobre a relação entre as mãos e a capacidade de abertura do ser humano: “[...] as mãos são *um instrumento inespecífico*, isto é, “multiuso”, pensado para ser “*instrumento de instrumentos*” e *de linguagens*: podem rasgar, agarrar, bater, abrir, apalpar, saudar, mostrar ódio ou respeito ou indiferença, destacar, etc. Servem para tudo porque são livres: não são garras, nem patas, mas uma realidade “aberta”. As mãos são expressivas, pois acompanham ao rosto e às palavras. São um instrumento ao serviço do sistema inteiro que é o corpo e o espírito humano” (YEPES; ARANGUREN, 2005, p.31, grifo do autor).

¹⁵ “Segundo Aristóteles, a excelência de caráter e a inteligência não podem ser separadas [...]. Assim, para Kant, alguém pode ser ao mesmo tempo bom e estúpido; entretanto, para Aristóteles, certo tipo de estupidez opõe-se à bondade. Além disso, a genuína inteligência prática requer o conhecimento do bem, mais ainda, requer certo tipo de bondade no seu possuidor... é claro que um homem não pode ter inteligência prática sem ser ele mesmo bom.” (MACINTYRE, 2007, p.154, tradução nossa).

¹⁶ “Podereis dizer-me que a guerra exige grande prudência. Concordo convosco, mas somente quanto aos generais e feita a ressalva de que se trata apenas de uma prudência toda especial, relativa ao mister das armas e que nenhuma relação tem com a sabedoria filosófica.” (ERASMO DE ROTERDAN, 2002).

¹⁷ “Destruirei a sabedoria dos sábios, e anularei a prudência dos prudentes” (BÍBLIA, Is 29,14)

¹⁸ Platão, *Fedro*, 247E – 248E. Ver a análise apresentada por Reali (1999).

decorrentes da contemplação da verdade. Daí o seu comportamento profundamente imoral, em remédio do qual sua habilidade técnica nada tem a acrescentar¹⁹.

Na sua pseudo-virtude, Agenor Soronho contempla com desprezo a desgraça do seu colega: “[...] está olhando mesmo de-propósito, todo de-luxo com os estragos do carro do outro” (ROSA, 1980a, p.314), ainda que dissimule interesse autêntico e humana comiseração. O encontro termina com a subida triunfal do Morro-do-Sabão, com Agenor em pé no cabeçalho, “que é só p’ra ele ver como carreiro de verdade não conhece medo, não!” (ROSA, 1980a, p.316).

A expedição prossegue e ambos, o carreiro e o menino, começam a dormir. O primeiro sobre “os chifres do carro” e o segundo dorme andando, “babando água dos olhos” (ROSA, 1980a, p.317), numa espécie de transe. Tiãozinho passa a participar do diálogo dos bois, torna-se mais um boi, assume a sua condição de Minotauro: “o bezerro-de-homem [...] vive muito perto de nós [...], Tem horas em que fica mais perto de nós... Quando está meio dormindo pensa quase como nós bois [...] Se encosta em nós, no escuro... No mato-escuro-de-todos-os-bois” (ROSA, 1980a, p.319). Ao mesmo tempo, a partir da experiência do boi Rodapião, os bois percebem que se “ele cair, morre” (ROSA, 1980a, p.318), repetindo duas vezes esta frase, em referindo-se tanto a Agenor quanto a Tiãozinho. Depois de um diálogo onírico mais ou menos longo entre Tiãozinho e os bois, enquanto se arquiteta uma espécie de complô para matar o carreiro, o menino “deu um grito e um salto para o lado, e a vara assobiou no ar” (ROSA, 1980a, p.322), levando à queda e ao fatal atropelamento de Agenor Soronho, cujo corpo passa a fazer companhia ao outro defunto. Entretanto, a queda é também de Tiãozinho, do ponto de vista moral, que se torna o algoz do padrasto, arrastando-o a um amargo sentimento de culpa.

O boi Rodapião e a crítica do racionalismo cartesiano

A interpretação filosófica feita acima, relativa ao carreiro Soronho, é de natureza hipotética. A problemática moral está apenas implícita no texto e o suporte documental é débil. Por outro lado, os problemas filosóficos que envolvem o boi Rodapião estão suficientemente explícitos no próprio relato. Tendo em vista as declarações do autor já mencionadas, entendemos que a interpretação que ora propomos, para esse segundo problema filosófico presente no conto, é bastante plausível.

Boi Brillante, depois de alguns esforços: “Estou andando e procurando...” consegue achar “a coisa, aquilo!” (ROSA, 1980a, p. 300 e 301), do “boi que pensava de homem”, “o-que-come-de-olho-aberto”, o boi Rodapião. De pequena estatura,

¹⁹ “A técnica nunca substituirá a ética, por que saber sobre os meios nunca poderá dizer quando a sua aplicação é reta ou quando não é; justamente nisso consiste o papel da ética. Gosto de parafrasear o velho Kant e dizer que a ética sem técnica é vazia, enquanto a técnica sem ética é cega.” (LLANO, 2002, p.98 tradução nossa).

pouco chifre e de cor vermelha “café de-vez”, “tinha vivido muito tempo perto dos homens... não era capaz de fechar os olhos p’ra caminhar... Olhava e olhava sem sossego.” (ROSA, 1980a, p.302). Não era capaz de confiar na própria existência que as coisas têm em si mesmas, independentemente do seu conhecimento. A estória do boi Rodapião, entrecortada no conto pela narração da viagem, toma então a atenção dos bois. Sua figura serve de pasto para Guimarães Rosa introduzir uma sutil crítica ao racionalismo cartesiano, ao qual se referia de maneira depreciativa numa carta:

Ora, você já notou, decerto, que, como eu, os meus livros, [...] defendem o altíssimo primado da intuição, da revelação, da inspiração, sobre o bruxulear presunçoso da inteligência reflexiva, da razão, da **megera cartesiana**. (Carta 25/11/1963. ROSA, 1980b, p.58, grifo nosso)

Na medida em que Brillante vai narrando os fatos da vida do boi Rodapião, percebe-se, não obstante o fascínio outrora exercido pelo virtuosismo intelectual deste último, uma leitura crítica das suas atitudes²⁰. Já no início da narrativa, percebe-se uma loucura de fundo em toda a sua aparente racionalidade ostensivamente auto-proclamada, ao clássico estilo chestertoniano²¹:

Vocês não sabem o que é importante... Se vocês puserem atenção no que eu faço e no que eu falo, vocês vão aprendendo o que é que é importante... – Mas, por essas palavras mesmas, nós já começamos a ver que ele tinha ficado **quase como um homem, meio maluco**, pois não... (ROSA, 1980a, p.302, grifo nosso).

Rodapião, de maneira muito cartesiana, propõe, com sucesso, um método para racionalizar a pastagem do capim:

Uma vez ele disse: - Nós temos de pastar o capim, e depois beber água... Invés de ficar pastando o capim num lugar só em volta, longe do córrego, p’ra depois ir beber e voltar, é melhor a gente começar de longe e ir pastando e caminhando, devagar, sempre em frente... Quando a gente tiver sede, já chegou bem na beira d’água, no lugar de beber; e assim a gente não cansa e tem folga p’ra se poder comer mais! (ROSA, 1980a, p.306).

²⁰ Seguindo um possível paralelismo com *Grande Sertão*, se poderia antever, no boi Rodapião, o racionalismo pragmatista de Zé Bebelo? “Ah, naquela cabeça grande, o que Zé Bebelo pensava era o útil, o seco e a pressa” (ROSA, 1970, p.275), que não acaba por cumprir o seu destino como jagunço e como homem. Vide a análise do julgamento de Zé Bebelo, feita por Heloísa Vilhena de Araújo (1996, p.222).

²¹ “*The madman is not the man who has lost his reason. The madman is the man who has lost everything except his reason.*” [O louco não é o homem que perdeu a razão. O louco é o homem que perdeu tudo, menos a razão]. (CHESTERTON, 1994).

Entretanto, logo depois, fica claro que Rodapião não possuía a *sabedoria*, a integridade moral do verdadeiro filósofo, como ensinava Platão na *Republica*.

Outra vez, boi Rodapião disse: - Quando o boi Carinhoso ficou parado, na beira do valo do pasto, e não quis comer de jeito nenhum, o homem veio e levou o boi Carinhoso no curral, e pôs p'ra ele muito sal, no cocho... Se nós ficarmos também sem comer, todos, parados na beirada do valo, o homem nos dará milho e sal, no curral, no cocho grande... – E ele fez assim mesmo, e aquilo deu certo; e boi Rodapião comeu sal muito e ficou alegre. Nós, não. (ROSA, 1980a, p.306).

O boi-sofista recorre, assim, à dissimulação e à mentira, numa atitude indigna do verdadeiro filósofo.

O problema ontológico

A menção mais explícita ao racionalismo cartesiano de Rodapião aparece na página 308. Diz o boi: “A gente deve pensar tudo certo, antes de fazer qualquer coisa”. Mais adiante, faz a apologia do método cartesiano: “Tantas vezes quantas são as nossas patas, mais nossos chifres todos juntos, mais as orelhas nossas, e mais: **é preciso pensar cada pedaço de cada coisa, antes de cada começo de cada dia...**” (ROSA, 1980a, p.308, grifo nosso). Neste trecho, pode-se distinguir algumas das regras do método cartesiano enumeradas pelo próprio Descartes nas *Regulae ad directionem ingenii* (REALI; ANTISERI, 1990, p.361), por exemplo:

Não se deve acatar nunca como verdadeiro aquilo que não se reconhece ser tal pela evidência” (1ª regra); “dividir cada problema que se estuda em tantas partes menores quantas for possível e necessário [...]” (2ª regra); “[...] fazer sempre enumerações tão completas e revisões tão gerais, a ponto de se ficar seguro de não ter omitido nada”, ou então, que “É preciso percorrer com um movimento contínuo e ininterrupto do pensamento todas as coisas que se referem ao nosso fim e abarcá-las numa enumeração suficiente e ordenada (4ª regra).

No mesmo trecho, Rodapião revela-se não somente um racionalista cartesiano, mas também um iluminista empirista: “É preciso andar e olhar p'ra conhecer o pasto bem”, “Vocês não fazem como eu, só por que são bois bobos, que **vivem no escuro**, e nunca sabem por que estão fazendo coisa e coisa”. Rodapião é uma síntese da filosofia moderna e uma antítese ao ‘boi mudo’, como era chamado o mais célebre filósofo medieval, Tomás de Aquino (ROSA, 1980a, p.308, grifo nosso).

Brilhante, por sua vez, sai em defesa do realismo filosófico: “E nós não respondíamos nada, porque não sabemos falar desse jeito, e **mesmo por que, cada**

horinha, as coisas pensam p'r'a gente...” (ROSA, 1980a, p.310, grifo nosso). Ou seja, no seu profundo realismo, os bois contam com as essências próprias das coisas para conferir-lhes, em composição com o *actus essendi*, o ser. A essência, o princípio especificador do ser, é uma *ratio*, uma informação, um *logos*²². Brilhante é um “pensador” de corte medieval, que nutria uma profunda confiança na capacidade humana de conhecer as coisas, percebendo o mundo como “uma coleção ordenada de criaturas”, segundo a definição de Guilherme de Conches e, além disso, cognoscíveis. Na percepção medieval da realidade, tipicamente tomista, as propriedades de ordenação e cognoscibilidade das criaturas derivam dos transcendentais *unum*²³ e *verum*²⁴ do ser. Em última análise, as coisas são “em Deus” através da analogia de participação no *Actus Essendi* e através da causa exemplar, que “informa” as essências (JAULENT, 1996). Deus é causa exemplar na medida em que seu pensamento sobre as coisas corresponde à natureza das mesmas. No dizer de Alberto Magno, “*Natura est ratio*” (CUNNINGHAM, 1967).

Esta percepção parece ter eco no pensamento rosiano. No “Cara-de-Bronze”, por exemplo, o fazendeiro Segisberto manda o Grivo sair pelo mundo para achar o “quem das coisas”: “o ensol do sol [...], o coqueiro coqueirando”²⁵ etc. O caráter,

²² Segundo Nogueira (2004, p.19), “Em *Sagarana* [...] predomina o *logos*, com aberturas indicativas de um plano mítico. No conto *Conversa de Bois*, por exemplo [...] Os sentimentos negativos apontados são decorrentes da razão, do pensamento. Portanto, o pensamento lógico – que é *logos* – parece mostrar-se negativo”. Concordamos apenas em parte com esta tese, uma vez que a razão (*logos*) pode ser tomada não como derivado do racionalismo cartesiano, mas como racionalidade derivada da essência, em sentido estritamente realista. Neste caso, a avaliação do *logos* seria positiva, no conto.

²³ “*Quanto aliquid magis unitum est, tanto bonitas eius et virtus perfectior est*” [Quanto mais alguma coisa é unida, tanto mais são perfeitas a sua virtude e a sua bondade] Tomás de Aquino, *Summa Contra Gentes*, I,102.

²⁴ “*Verum et bonum se invicem includunt. Nam verum est quoddam bonum alioquin non esset appetibile; et bonum est quoddam verum, alioquin non esset intelligibile*”. [O verdadeiro inclui o bem e vice-versa. Pois o verdadeiro é um certo bem, pois de outro modo não seria apetecível; e o bem é um certo verdadeiro, pois do contrário não seria inteligível] Tomás de Aquino, *Summa Theologica*, I,79,11 ad 2.

²⁵ Segundo Antônio Pires (2005, p.63), na correspondência ao tradutor italiano, Guimarães Rosa explicava: “‘*Cara-de-Bronze* se refere à POESIA’. Mas não à poesia que se cristaliza em poemas cultos ou populares, como em ‘O recado do morro’, mas à poesia subjacente a todas as coisas e que é perceptível, a quem tem olhos de enxergar e coração de compreender, [...]”. De certo modo, a capacidade de perceber o “quem das coisas”, a sua natureza subjacente no ser, a sua estrutura metafísica profunda, indo além da “mera utilidade”, é um atributo moral, uma disposição do coração. Uma importante influência rosiana, S. Boaventura escrevia e este propósito no *Itinerarium Mentis ad Deum*, 15: “*Qui igitur tantis rerum creaturarum splendoribus non illustratur caecus est; qui tantis clamoribus non evigilat surdus est; qui ex omnibus his effectibus Deum non laudat mutus est; qui ex tantis indiciis primum principium non advertit stultus est. — Aperi igitur oculos, aures spirituales admove, labia tua solve et cor tuum appone, ut in omnibus creaturis Deum tuum videas, audias, laudes, diligas et colas, magnifices et honores, ne forte totus contra te orbis terrarum consurgat.*” [Todo aquele que não se deixa iluminar pelo esplendor das criaturas é cego. Todo aquele que não lembra com o seu rumor é surdo. Todo aquele que não se volta para o Primeiro Princípio em virtude desses sinais, é um tolo. Deste modo, abra teus olhos, volte os teus ouvidos do espírito, abra os teus lábios e acorde o teu coração, de maneira que vejas, ouças, louves, adores, magnifiques e honres o vosso Deus em todas as coisas criadas; não seja que todo o universo levante-se unanimemente contra ti].

de certo modo, “divino” implícito em toda a realidade do mundo é uma das notas características da cosmovisão do autor, quando escrevia: “Reporto-me ao transcendente. Tudo, aliás, é a ponta de um mistério. Inclusive, os fatos. Ou a ausência deles. Duvida? Quando nada acontece, há um milagre que não estamos vendo.” (ROSA, 1972, p.61). Percebe-se, deste modo, uma identificação do pensamento de Guimarães Rosa com o boi Brillhante.

A *ratio* enquanto natureza, pela qual as coisas se ‘pensam a si mesmas’, implica uma finalidade (*telos*), cuja consecução deve ser buscada de acordo com um *etos*, de uma ética. De certo modo, a negação da sua própria humanidade, da sua natureza e das implicações éticas decorrentes, sugere uma identificação de Agenor Soronho com Rodapião. A libertação da teleologia torna Agenor soberano na sua autoridade moral e Rodapião na ontológica.

Remetendo à conhecida querela medieval sobre os universais, a *ratio* contida nos coisas pode identificar-se com um conceito universal *ante-rem*, pensado na mente de Deus, ou no Mundo das Idéias de Platão, como defendido, por exemplo, por Guilherme de Champeux. Mas pode também estar contido no próprio ser singular, enquanto uma essência universal *in-re*, ou uma essência contida, mas não exclusiva do mesmo, mais conforme à doutrina aristotélica. Incliamo-nos a pensar que Guimarães Rosa se referia à primeira acepção, dada sua forte influência platônica. Rodapião, por sua vez, identifica-se com a corrente nominalista (universal *pos-rem*), já que as coisas só existem individualmente²⁶ e, ainda assim, só depois de terem sido pensadas pelo sujeito cognoscente.

O problema lógico

Num determinado momento da viagem, enquanto os bois devem enfrentar uma empinada descida, Brillhante passa a narrar a ruína de Rodapião, causada precisamente por uma pirambeira. Por ocasião de uma seca, os bois tinham sido levados para um morro “serra-a-pique, sem capim, conhecido de nenhum de nós... Aí a gente pegou a comer, quase sem levantar as cabeças, [...] Mas, o boi Rodapião...” (ROSA, 1980a, p.311) percebendo que o bebedouro ficava longe, pôs-se a pensar uma maneira *racional* de atingi-lo, com menor esforço. Brillhante, confiando na razão própria das coisas, “não tinha precisado pensar, p’ra achar onde era que estava o bebedouro, lá em baixo, mais longe.” Neste momento, o racionalismo e a arrogância intelectual de Rodapião levam-lhe à ruína, formulando o sofisma que o levará à morte (ROSA, 1980a, p.312). Toma a premissa maior, apenas provável, como certa, cometendo um paralogismo que Aristóteles classificaria como um “silogismo dialético”:

²⁶ “Nihil est praeter individuum” [O ser só existe na forma individual] Roscelino de Compiègne, 1087.

Premissa maior: “Em todo o lugar onde tem árvores juntas, mato comprido, tem água.”

Premissa menor: “Lá, lá em-riba, quase no topo do morro, estou vendo árvores, um comprido de mato.”

Conclusão: “Naquele ponto tem água!”.

Brilhante tenta ainda argumentar, utilizando uma “evidência imediata”, um “axioma”:

Eu também olhei para a ladeira, mas não precisei nem pensar, p’ra saber que, dali onde eu estava, **tudo era lugar aonde boi não ir**. Mas boi Rodapião falou como o homem: - Eu já sei que posso ir por lá, sem medo nenhum: a terra desses barrancos é dura, por que em ladeira assim parede, no tempo das águas, correu muita enxurrada, que levou a terra mole toda... Não tem perigo, o caminho é feio mas é firme. Lá vou... (ROSA, 1980a, p 312, grifo nosso).

Rodapião confia na *consistência* da sua argumentação, como na da terra da ladeira, em detrimento da evidência imediata. Em seguida, Brilhante descreve a queda, “rolando poeira feia e chão solto...”, evidenciando a causa material da mesma, e a evidente apreciação errônea de Rodapião da situação. No fundo do barranco, Rodapião chegou ao fim “berrando triste”, até ser comido pelos urubus.

Considerações finais

Este trabalho procurou apontar algumas teses filosóficas presentes nesse complexo conto. Assim como em *Grande Sertão*, e em boa parte da obra rosiana, questões de ordem metafísica, filosófica e moral ocupam um lugar central do enredo. Aparentemente, alguns elementos plenamente desenvolvidos em outras obras aparecem já aqui, como um *balão de ensaio*. Parece-nos, outrossim, que a crítica ao cartesianismo é bastante explícita, possuindo razoável suporte na narrativa e em declarações do autor, ao passo que as considerações sobre a moral de Agenor Soronho são, no melhor dos casos, plausíveis.

Algumas das questões abordadas permanecem, todavia, abertas. Por exemplo, da mesma maneira que em *Grande Sertão*, em que paira irresoluta a dúvida sobre a efetiva venda da alma de Riobaldo para o demônio, não é possível saber se Tiãozinho procurou de maneira consciente a morte de Agenor, ou se o grito que moveu os bois a derrubarem o carreiro foi dado em sonho: “Eu tive a culpa... Mas eu estava meio cochilando... Sonhei... Sonhei e gritei...” (ROSA, 1980a, p.322).

Em síntese, pode-se afirmar que Soronho possui uma arrogância derivada de sua inegável habilidade técnica, enquanto Rodapião é portador de um orgulho de tipo especulativo, intelectual. Nos dois casos, a “moral da estória” é que a “toada triunfal” (ROSA, 1980a, p.323) está reservada aos simples e humildes, aos bois “realistas” e ao, aparentemente, frágil, oprimido e, ao mesmo tempo, vingativo Tiãozinho. “Ao que, esse mundo é muito misturado.”

MENEGALDO, L. L.; MARSILI, I. The philosophy of Conversation Among Oxen in Sagarana of Guimarães Rosa. **Revista de Letras**, São Paulo, v.55, n.1, p.71-87, jan./jun. 2015.

- **ABSTRACT:** *This paper explores some philosophical questions regarding the tale “Conversation Among Oxen”, from Sagarana, of João Guimarães Rosa. Two philosophical questions are addressed. The first regards the carter Agenor Soronho ethics; the second is related to the narrative of Rodapião ox, which refers to knowledge theory and ontology. The unfortunate destiny of both characters, as well as some passages of the author’s correspondence, points towards a criticism against Cartesian rationalism and to utilitarian ethics. Simultaneously, the tale renders classical philosophy and literature questions into the backcountry scenario.*
- **KEYWORDS:** *Guimarães Rosa. Conversation Among Oxen. Philosophy. Rationalism. Ethics.*

Referências

ARAÚJO, H. V. **O roteiro de Deus:** dois estudos sobre Guimarães Rosa. São Paulo: Ed. Mandarim, 1996.

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada Ave Maria.** São Paulo: Ed. Ave Maria, 2009.

BOAVENTURA, Santo. **Itinerarim Mentis ad Deum.** Disponível em: <http://faculty.uml.edu/rinnis/45.304%20God%20and%20Philosophy/ITINERARIUM.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2016. Não paginado.

BRAGANÇA JUNIOR, A. A. Os regionalismos latinos no conto Conversa de Bois, em Sagarana de Guimarães Rosa. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, v.3, n.9, p.53-66, 1997.

CHESTERTON, G. K. **Orthodoxy.** [S.l.]: The Project Gutenberg Book, 1994. Disponível em: <http://www.gutenberg.org/files/130/130.txt>. Acesso em: 29 abr. 2016. Não paginado.

CUNNINGHAM, S. B. Albertus Magnus on natural law. **Journal of the History of Ideas**, Philadelphia, v.28, n.4, p.479-502, 1967.

ERASMO DE ROTTERDAM. **Elogio da loucura**. Atena [Edição digitalizada pela eBooksBrasil], 2002. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/erasmo.html>. Acesso em: 29 abr. 2016. Não Paginado.

JAULENT, E. O esse na ética de Raimundo Lúlio (Ramon Llull). In: BONI, L. A. (Org.). **Idade Média: ética e política**. 2.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. Disponível em: http://www.ramonllull.net/sw_studies/studies_original/esse.html. Acesso em: 29 abr. 2016.

LIMA, S. M. V. D. Reconstituição da gênese de Sagarana. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, v.4, n.12, p.36-44, 1998.

LLANO, A. **La vida lograda**. Barcelona: Ariel, 2002.

MACINTYRE, A. **After virtue: a study in moral theory**. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2007.

MENEZES, E. Aspectos antropomórficos em Conversa de Bois na viagem pelo labirinto de Sagarana. **Jornal de Poesia**, Fortaleza, 2005. Disponível em: <http://www.jornaldepoesia.jor.br/ednamenezes7.html>. Acesso em: 29 abr. 2016. Não paginado.

NOGUEIRA, E. S. **Percepção e experiência poética: estudo para uma análise de Campo Geral**, de J. Guimarães Rosa. 2004. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

PIRES, A. D. No Buriti Bom: modos de narrar & motes de vida. **Revista Trama**, Marechal Cândido Rondon, v.1, n.2, p.59-70, 2005.

REALE, G. **A sabedoria dos antigos**. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

REALE, G.; ANTISERI, G. História da filosofia, do humanismo a Kant. São Paulo: Paulinas, 1990. v.2.

ROSA, J. G. **Grande sertão: veredas**. 7.ed. Rio de Janeiro: Liv. J. Olympio, 1970.

_____. O espelho. In: _____. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Liv. J. Olympio, 1972.p.61-68.

_____. **Sagarana**. 23.ed. Rio de Janeiro: Liv. J. Olympio Editora, 1980a.

_____. **Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri**. 2.ed. São Paulo: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1980b.

_____. **Correspondência com seu Tradutor Alemão Curt Meyer-Clason: 1958-1967**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

SPERBER, S. F. **Caos e cosmos, leituras de Guimarães Rosa**. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

_____. Regional universal: 100 anos de Guimarães Rosa. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v.60, n.2, p.63-65, 2008.

TOMÁS DE AQUINO. **Summa Contra Gentes**. Disponível em: <http://www.corpusthomicum.org/scg1001.html>. Acesso em: 29 abr. 2016.

_____. **Summa Theologiae, Prima Pars**. Disponível em: <http://www.corpusthomicum.org/sth1001.html>. Acesso em: 29 abr.2016.

VIRGÍLIO. **The Project Gutenberg Etext of Vergil's Georgics in Latin**. Disponível em: <http://gutenberg.elib.com/gutenberg/etext95/geor110.txt>. Acesso em: 26 abr. 2016. Não paginado.

YEPES, R.; ARANGUREN, J. **Fundamentos de antropologia: um ideal da excelência humana**. São Paulo: Ed. Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2005.

